

A CLÍNICA DA ADOLESCÊNCIA E A ADOLESCÊNCIA DA CLÍNICA

Alberto Pereira Lima Filho

Simpósio NEJ 27/10/2017

Eu tenho o costume de dedicar os trabalhos que eu faço, os trabalhos que eu apresento publicamente, e desta vez não será diferente. Eu quero dedicar o tempo de preparo deste trabalho, não apenas o que vai ser apresentado aqui, porque a parte principal de um presente que a gente dá é o tempo. É o tempo que a gente levou para ir em busca dele, para organizá-lo, concebê-lo. E eu quero dar este presente a duas grandes mulheres, D^a Leda Ronchini Dantas Fabrini e Dra. Denise Gimenez Ramos. Duas grandes mulheres que foram minhas iniciadoras em coisas significativas da minha vida. Dona Leda me iniciou nas letras. Foi com ela que eu aprendi a redigir a letra "A", e Denise foi quem me iniciou no campo Junguiano, no campo conceitual junguiano. As duas talvez tenham desejado me ensinar o que ensinaram, mas eu estou aqui também para comunicar a elas, minhas homenageadas, que, além do que elas ensinaram, houve algo muito importante que elas ativaram em mim, promoveram em mim, o amálgama com o qual a partir de então, anos 50 com a Dona Leda, anos 70 e anos 90 com Denise, eu pude articular as ferramentas, os tijolos, os elementos de construção que elas apresentaram a mim. A vocês duas, grandes mulheres, eterna gratidão.

A Clínica da Adolescência e a Adolescência da Clínica. Foi esse o título que eu propus para esta palestra. A Liliana, quando soube, disse-me assim: - "Humm... Fiquei curiosa!". Eu também estou curioso para saber o que vai sair daqui. Mas, enfim, foi uma delícia pensar sobre esse assunto. E depois dessa feijoada completa que a gente teve hoje, eu quero ver se eu consigo trazer uma folhinha de alface, alguma coisa mais levinha, um cafezinho para alinhar a refeição, não é?! Vamos ver se eu consigo.

A palavra adolescência vem do latim. "Ad" significa "a" ou "para", como vocês podem acompanhar aqui e ali (indicando os quadros com projeção), acrescido de "olescere" que significa crescer, e pode também significar "ser nutrido". Olhem quanta coisa está contida numa palavra só. Portanto, "crescer para", o que remete a

uma noção de porvir, ou finalidade. Ou "para crescer", "a crescer", que sugere o aglomerado de condições necessárias para a meta processual do crescimento.

A palavra "adulto" também é oriunda do verbo *adolescere*, ou do particípio passado do verbo. "*Adultus*" - aquele que cresceu. Interessante esta informação e ela é nova para mim, adquirida no momento em que eu fui fazer uma perambulação pelo tema para angariar elementos para trazer para cá hoje. O conceito de adolescência, uma noção, talvez a gente deva dizer, surge no período entre o final da primeira guerra mundial e o início da segunda. Ou seja, é uma palavra recém nascida; tem pouco tempo de vida.

Vamos situar o tema no âmbito da teoria psicológica. Eu não poderia deixar de honrar esses dois grandes autores que trouxeram os primeiros elementos para o meu pensar a respeito do assunto, Knobel e Aberastury. A obra "Adolescência Normal" merece destaque como marco nos esforços por sistematizar o conhecimento sobre essa etapa da vida. Eles alegam que a fronteira entre o normal e o patológico é de difícil delimitação nessa fase do desenvolvimento, justamente em razão de se tratar de um desenvolvimento e seus fenômenos processuais, incluindo desequilíbrio, desestabilidade, sofrimentos de toda ordem. O próprio Knobel considera essa etapa uma síndrome normal, "Síndrome da Adolescência Normal", ou seja, embora esperada, é sindrômica, uma vez que ela é também a reunião de uma série de sinais, indícios, ou mesmo sintomas, embora eu ache um pouco delicado o emprego dessa palavra para esse fim. Mas foi o termo que ele usou. Só estou sendo leal ao linguajar dele. Então, esse conjunto de sinais e sintomas, portanto símbolo, caracterizaria a condição adolescente. É uma obra de orientação psicanalítica e eu não poderia deixar de mencioná-la, uma vez que ela alicerçou qualquer aprendizagem ou desenvolvimento que futuramente eu pude fazer dentro do tema.

Mas a partir desse momento eu me permito - não restringir, mas privilegiar – circunscrever meu discurso dentro do referencial da psicologia junguiana.

A abrangência da adolescência. Isso é da maior importância, sim. Quando começa e quando termina. Hoje um dos pôsteres do Byington falava sobre a idade de 12 até a idade de 20 anos. Nós sabemos que isso é muito relativo. Em grande parte, o início

(da adolescência) é sim desencadeado por mudanças hormonais e alterações corpóreas diversas. Aquele corpo oculto que, subitamente, sem aviso prévio, invade, avassala, se impõe, ocupa espaço. Isso não é algo que aconteça, necessariamente, aos 12 anos de idade. Pode acontecer em torno desse momento, pode acontecer mais cedo para algumas pessoas, mais tarde para outras. Mas esse fenômeno é da maior importância, porque ele costuma vir acompanhado do emergir de apetite sexuais, muitas vezes coordenados com, ou associados aos fenômenos corpóreos que se impõem e, não raro, realmente não raro, esses fenômenos são sentidos como bizarros e temidos como doentios. Isso é da maior importância, porque de "bate-pronto" nos explica o motivo pelo qual tantos adolescentes se esforçam por ocultar, manter privativas, não revelar suas experiências, suas dores, as ocorrências de suas vidas, se elas são temidas ou vistas ou doentias. Por que que ele deveria tão facilmente torná-las públicas, não é? Então, o privado emerge como uma dinâmica da maior importância aí. A gente pode, em razão desses dois sentimentos ou avaliações, perceber qual é o lugar que o próprio adolescente confere à sua condição. E qual é o lugar, comparativamente, que ele atribui ou confere a tudo mais que não é ele, em especial o mundo adulto, que é um mundo para o qual ele sabe que está caminhando.

O desenlace, o término do período costuma ser deflagrado, delimitado pela experiência das escolhas. A palavra traz uma quantidade enorme de libido, libido estruturante, uma vez que talvez ela seja a mais nobre de todas as funções conhecidas como funções egóicas. Por exemplo, quando se está diante de uma dificuldade com drogadição, os teóricos deixam muito claro que a função da escolha é uma das primeiras a ser afetada, portanto o resgate dela deverá ser um dos primeiros a ser privilegiado pelo tratamento. Não é de pequeno porte o verbo *escolher* e o significado que ele tem. Escolhas em todos os planos, não é? Quem eu quero ser? Onde eu quero morar? Com quem eu vou namorar? Que roupa eu vou vestir? Como é que eu vou me locomover pela cidade? Escolhas, *latu sensu*, desde as mais banais, digamos, embora eu não acredito que elas sejam banais de maneira alguma, até as mais nobres e de maior vulto. Existe uma afirmação do sujeito em sua condição adulta graças a esse exercício da escolha, mesmo quando se considera que ainda não está configurada uma autonomia plena. Claro que não. São os primórdios de uma experiência de autonomia que ainda há de se sistematizar ao

longo dos anos vindouros. Mas o indivíduo aos poucos se delinea numa condição mais ativa gradativamente desenredando-se do coletivo, formado ali, durante esse período adolescente, em especial pelo grupo de iguais. Eu volto ao assunto daqui a pouquinho, porque esse detalhe tem imensa importância.

Jung, dentre as várias formas de conceituação que ele utilizou nos seus inúmeros textos para fazer referência ao processo de individuação, em uma das mais felizes eles dizia algumas coisa parecida com esta: o processo de individuação é o processo através do qual cada indivíduo se desenreda do coletivo do qual ele é originário ou ao qual ele pertence para se constituir como único, sem, no entanto, perder a conexão com esse coletivo, uma vez que ser é ser no mundo com o outro, necessariamente. Por isso que é individuação e não individualismo. Mas o coletivo, que conta muito aqui, não é apenas o grande Coletivo, escrito com "C" maiúsculo, mas sim a coletividade de iguais que durante o período adolescente tem uma importância imensa para a constituição do sujeito. Eis aqui uma lista de dinâmicas que depois eu vou esmiuçar:

- 1) Vivências de perdas;
 - 2) Sinais de adulecimento e a questão da pertença;
 - 3) Tudo é muito;
 - 4) O grupo de iguais é a nova autoridade;
 - 5) A lei principal diz "É proibido ser diferente";
 - 6) Causas políticas, sociais, artísticas, científicas, religiosas;
 - 7) Ritos de passagem: o que acontece com eles, se estão presentes ou se estão ausentes. No caso de estarem ausentes, o que assola o campo em lugar deles?
- E, finalmente,
- 8) Experimentações, ousadas, o mito de Ícaro, que vocês devem conhecer e é paradigmático aqui, e o problema da justa medida, que é justamente o tema que o mito traz à tona.

Eu vou falar sobre cada um deles um bocadinho.

1) Vivências de perdas:

Que perdas contam mais ali? Bom, adentrando a adolescência, a pessoa, de fato, perde ou perde relativamente a exclusividade da família ou do par família-escola como referência, como referência principal, prioritária. A escola está sendo colocada aqui porque ela expressa um intento da família. A criança perde, ou, o adolescente em início de adolescência perde o corpo infantil. Perde aquela atenção mais individualizada que ele vinha tendo em todos os campos, como filho, como aluno. Perde proteções, uma vez que ele passa a ser instado a dar conta de alguns dos seus recados. E perde a despreocupação com dinheiro, locomoção e outras responsabilidades do cotidiano que, por muito tempo, foram ocupadas pelos pais, a comunidade etc. Não são poucas as perdas, mas são também perdas desejadas. Quem as deseja é a psique, independentemente de o sujeito que ocupa aquela psique alcançar esse desejo. A psique tem uma proposta de como as coisas deveriam ser. Estou aqui fazendo um raciocínio arquetípico. Existe uma proposta de como as coisas deveriam ser. A condição humana nos propicia um respaldo para essa evolução à qual damos o nome de adolescência.

2) Sinais de adulecimento e o pertencer:

O adulecimento e o pertencer são muito almeçados, buscados e adquiridos, ainda que eles possam ser de preocupante valor, ou de questionável valor. Mas o significado deles não se pode perder. São sinais de adulecimento, são sinais de que a pertença está em andamento e está sendo adquirida, vivenciada, sedimentada. Muitas vezes estranhemos o que um adolescente diz ou o que um adolescente faz. Aliás, de partida, tomemos muito cuidado com a nossa ânsia em patologizar. Daí a imensa importância de termos em mente sempre o núcleo do significado das coisas que vão ocorrer, que provavelmente vão ocorrer na adolescência. Elas podem ganhar fenomenologias distintas aqui, ali, acolá, mas se alinhavam dentro de um significado que pode ser antecipado. Usei uns termos um pouco brincalhões aqui para falar disso: o crachá; a carteirinha do clube; códigos do grupo, com a linguagem que o grupo usa, o grupo de iguais; hábitos, quer eles sejam funcionais, quer não; bebidas alcoólicas, drogas, tabagismo, cervejinha.

Eu me lembro de uma história que a Denise uma vez contou em sala de aula de uma festa adolescente no Pacaembu. Nessa festa foi servida cerveja sem álcool. Eles todos ficaram bêbados. Música, roupas e essa leva de coisas que atualmente são tão presentes em nossas vidas, também nas deles, ipad, ipod, ifood, iphone, redes sociais e coisas semelhantes, que ocupam um espaço enorme. Todas essas coisas se alinhavam porque elas são uma só. Elas estão a serviço daquilo: "Vou me assegurar de que eu pertenço e de que eu caminho na direção certa". E para isso eu tenho que adquirir os códigos do mundo, os códigos do grupo. E por aí a coisa vai. Quando eu estava passando pela lista eu tive uma ideia e deixa eu ver se eu capto de volta a tal da ideia. Sim! Uma vez eu estava voltando da PUC, aliás, pela Doutor Arnaldo, Paulista etc., e, ao passar alí, pelo muro do cemitério, pela saída da estação do metrô, saiam jovens muito numerosos a caminho do estádio do Pacaembu, em que, naquele ano, imagino que anos 80, Guns and Roses, U2, um grupo desses muito bacanas estava se apresentando pela primeira vez aqui em São Paulo, naqueles mega shows, que então tiveram início também naquela década. Mas era muito interessante, porque pareciam uma horda de iguais. Todos usavam jeans, todos calçavam tênis, os tênis não estavam amarrados, todos usavam moletom amarrado da metade do bumbum para baixo, claro, todos que eram homens tinham a cueca aparecendo para cima do jeans e todas as outras roupas ou camisetas eram pretas. Eles de fato pareciam uniformizados. Imagine se eles iriam ousar colocar em questão a pertença, o crachá, a carteirinha do clube. Isso tudo já começa a dar indícios da imensa importância que tem o grupo de iguais. Volto a ele daqui a pouquinho.

3) Tudo é muito:

Durante essa fase da vida, tudo é muito. "Não *agueeento* mais tal coisa", "Essa roupa que você está usando é ridícula". Os superlativos, os enfáticos, os aumentativos incidem altamente no linguajar, nas atitudes, como se houvesse uma lente de aumento em tudo. Não é à toa; tem um significado. Isso há de ser recebido, acolhido, depurado. Sim, porque, se é muito e se é excesso, não deverá permanecer assim, mas se ao ser veiculado expressa algo de grande valor, e se esse valor pode ser depurado e deverá permanecer no acervo da pessoa, o acolhimento não pode faltar. "Mãe, você fica ridícula com esse vestido! Afff!!". "Jura filha? não ficou bom

não? Ah, então me ajude a achar outro, porque, olhe, a sua opinião conta para a mamãe, viu?". Pronto, acolheu. Porque o que ela talvez estivesse desejado dizer era isso mesmo - "Mãe, esse vestido não me parece muito legal para essa festa". Mas ela expressa isso dizendo - "Você está ridííícula!". Se a mãe tiver presente para ela o que foi "ser ela" na mesma idade da filha, talvez ela seja capaz de empatizar com a filha. E se ela for capaz de empatizar, ela saberá acolher. Claro que eu já estou com isso trazendo pistas para aquilo que eu entendo que deva ser a postura do psicoterapeuta. Não espero que a mãe seja o psicoterapeuta. Espero que mãe seja ou passa ser orientada no sentido de se tornar acolhedora, se ela puder compreender, alcançar, intuir o núcleo depurado daquela manifestação maiúscula, superlativa, exacerbada.

Existem ensaios para a condição adulta nessa exacerbação toda. E é uma condição desejada, ainda que temida. Diga-se de passagem, em nossas vidas essas duas coisas não vêm separadas, não é? Um dos grandes desafios para nós é tolerar a concomitância de desejo e temor. Por que que isso seria diferente ali? Mas com muita frequência, no caso da adolescência, entra em cena uma defesa, que talvez a gente possa chamar de *contrafobia*, um atirar-se, um enfrentar, um topar. A tarefa, o desafio, a grandiosidade da tarefa é que está em questão. É muito frequente o adolescente funcionar, aliás, homens e mulheres, como se não houvesse objeto de temor algum. "Ah! Uma formiguinha! Imagine se isso é um dragão!" O comportamento contrafóbico costuma vir em socorro dos adolescentes nesse momento, nessas situações. É muito comum nos prepararmos para a incidência disso. O absoluto ocupa o lugar daquilo que, numa perspectiva mais depurada, adulta, madura, sensata, saudável, será o relativo. "Por que você nunca", "Por que você sempre", "Custa você...". Então os fatos, os fenômenos são percebidos como "o único", "nunca mais", "você nunca", "você sempre", "Aiii.. só desta vez, pelo amor de Deus!". O absoluto, com uma frequência fora do comum, ocupa o lugar daquilo que será relativo. É relativo e vai acabar assumindo esse caráter, mas ele se impõe como absoluto por algum tempo.

Pulei um monte de coisas, não é? (referindo-se à sequência dos slides)

As capas, as cobertas, as portas fechadas. Eu conheci um adolescente que era da minha família e que ia à praia de camiseta. As pessoas estranhavam, mas não

faziam nada com isso e ele seguia adiante usando camisetas. Até que um dia eu percebi que lá em Guarujá, pertinho daquela mureta que já dá para a avenida, ele estava voltado para a mureta sem a camiseta, sentado numa cadeira de costas para o mar, tomando sol. E eu resolvi então lhe indagar: - "Olhe, você está sem camiseta. É a primeira vez que eu o vejo sem camiseta na praia. O que aconteceu que você tirou a camiseta? Aliás, por que que você usa camiseta justo aqui na praia?". Aí ele respondeu assim: - "Por causa desse buraquinho aqui (apontando para o meio do peito)". Esse fundinho aqui que eu tenho, você tem, você tem, esse fundinho. Ele entendia que era uma coisa anômala na vida dele, talvez uma vagina, sei lá. Sei lá o que o Rorschach dele achava daquele buraquinho. Mas, enfim, por algum motivo ele não queria tornar público aquilo que ele achava que era disfuncional. Tive um clientinho que não só não tomava banho, como vestia uma camiseta sobre a outra. E o dia em que ele revelou isso para mim eu disse: - "Ah é? Mas que interessante! Mas, só por curiosidade, com quantas camisetas você está?" E ele contou uma por uma ali diante de mim. Eram nove. Porque não só ele não se expunha, como a cada nova capa que ele vestia ele se sentia mais protegido. Uma das perdas que eu mencionei há pouco foi a perda das proteções. Então ele tem que adquiri-las de alguma maneira.

Silêncios, reclusões, na tentativa de excluir o adulto. Eu já tinha feito uma ligeira menção a isso. É muito frequente, também. Os pais se preocupam, se ressentem, procuram um psicólogo para se queixar justamente disso. "Por que meu filho passa o dia inteiro trancado naquele quarto? Eu não sei o que é que está acontecendo". Então, é de se estranhar esse tipo de comportamento, mas não no plano da adolescência, uma vez que essa reclusão é uma tentativa de exclusão do adulto. De tanto olhar para isso, examinar, pesquisar, ver de novo, olhar outra vez, em famílias e famílias e famílias, eu entendo que o que o jovem tenta evitar é a crítica do adulto, significando "o temor de que o olhar crítico do adulto vá confirmar suas hipóteses catastróficas". Então, se ele exclui o adulto, ele assim se protege dessa crítica confirmadora.

O mito de Ícaro e problema da justa medida.

Adoraria me estender bastante sobre isso, mas acho que isso merece uma palestra à parte. Não vou fazer esse detalhamento de maneira alguma. Mas vou contar duas

ou três coisas a respeito desse mito e do desenlace dele, que tem grande importância.

Embora ele tenha sido o autor, o arquiteto do labirinto de Creta, foi lá que o rei Minos prendeu Dédalo, porque Dédalo foi traiçoeiro com o rei, que havia sido acolhedor a ele. Não vou entrar no mérito dessa traição. E ele ficou preso dentro do labirinto com o seu filho, um “adolescentaço” chamado Ícaro. Embora ele mesmo tivesse sido o arquiteto do labirinto, ele não conhecia a saída, de tão bem feito e de tão bem concebido que tinha sido. Então, inventivo como ele era, ele pensou o seguinte: "vou fazer um par de asas para o meu filho, depois eu faço outro para mim e a gente sai voando. É o jeito que a gente tem de transpor essa barreira". Mas, conhecendo o filho, ele escolheu o que dizer a ele. O tal par de asas seria feito com as penas caídas ao chão, dos pássaros que sobrevoavam ali. E seriam presas aos ombros com a cera das colmeias que também se formavam ali nas muralhas do labirinto. Conhecendo o filho que ele tinha, ele o advertiu, dizendo: "Filho, cuidado! Não voe alto demais, porque a proximidade com o calor do sol pode derreter a cera que prende as asas aos ombros e você vai despencar, e isso não vai ser bacana, vai frustrar a sua fuga. Mas também não voe baixo demais, porque a proximidade com as águas do mar pode umedecer as penas. Umedecidas, elas podem ficar pesadas e você talvez não consiga sustentar o voo. Encontre então a justa medida, nem tão alto, nem tão baixo". O “adolescentaço” não resistiu à tentação de voar alto, em razão de todas aquelas exacerbações e aquela contrafobia defensiva, como a chamei. E então aconteceu o que o pai previra. A cera foi derretida, as asas se soltaram, ele caiu no mar Egeu e morreu. O mar Egeu passou a se chamar “mar de Ícaro”. E Dédalo queria que essa história se tornasse conhecida. Ele então a narrou em forma de desenhos, história em quadrinhos, a saga do filho, e a expôs em volta do pórtico do oráculo de Apolo, o mesmo oráculo onde já havia uma inscrição que dizia "Conhece-te a ti mesmo". E quando ele terminou de contar essa história, ele colocou lá outra inscrição, que por algum motivo, não ficou tão famosa quanto a primeira. Essa outra inscrição dizia "Nada em demasia", que é uma recomendação de que se procure pela justa medida. Durante o período de adolescência, a justa medida falha em ser alcançada. E isso traz inclusive clinicamente uma série de problemas e delicadezas. Primeiro, como acolher e compreender o significado mais profundo das ousadias, ou da intensidade dos desejos, uma vez que não apenas

eles são inevitáveis, como chegam a ser necessários? Porém, como zelar para que essas "brincadeiras" de exacerbação laboratorial não sejam suicidas? Elas não precisam ser suicidas, se são laboratoriais. Por que elas deveriam por definição ou por princípio colocar em risco a vida? É por isso que o manejo deste tipo de situação é tão delicado.

Foi sobre suicídio que eu falei aqui no simpósio, Denise, anos atrás, no primeiro simpósio do núcleo. (Denise diz: Núcleo de Psicossomática, não existia ainda este núcleo). Núcleo de psicossomática. Nós iríamos fundar (o NEJ) depois, não é? Isso mesmo. Mas, enfim...

Como acolher, sem que esse acolhimento seja uma indiscriminada permissão? A nossa é uma cultura perigosa para isso, porque ela vê com bons olhos um dos maiores perigos dos sistemas de crenças e valores que podem nortear famílias ou pessoas. É a perigosa crença de que "querer é poder". Eu não conheço nada mais perigoso do que isso. Não tem. No plano psíquico, eu realmente não conheço. Hoje se falou em psicopatia aqui, não foi Liliana? Como uma coisa, inclusive inabordável ou incurável, ou de muito difícil manejo. Pois é, uma das coisas centrais na dinâmica psicopática é essa: "eu quero, eu posso". "O meu desejo deverá determinar o rumo dos acontecimentos". Então, quando as famílias inadvertidamente, ingenuamente – não estou acusando famílias de serem perversas ou calhordas – mas quando elas ingenuamente dizem aos seus filhos: "filho, se você quiser, você consegue, você pode", "filho, querer é poder", elas não se dão conta ou não foram informadas de que, com isso, estarão promovendo voos exacerbados, imprudentes, insensatos de Ícaro. E talvez construindo ídoles psicopáticas.

O grupo de iguais ao qual eu disse que voltaria. De fato, ele é a nova autoridade. A palavra autoridade inevitavelmente está associada à figura do pai, ao significado do pai, às dinâmicas governadas pelo arquétipo paterno. Até porque, de fato, a adolescência incide dentro de um período da vida em que há um predomínio do dinamismo patriarcal na estruturação da consciência. Isso tem início lá pelos primeiros anos de vida, terceiro, quarto, quinto. Escrevi um livro em que conto como é que esse dinamismo inicia e se estende até os anos trinta e muitos ou quarenta e poucos, quando é feita uma crítica ao pai e tem início o dinamismo que Byington chamou apropriadamente de dinamismo de alteridade, palavra que ele fartamente

utilizou hoje em sua fala e não apenas com muita propriedade, mas também com muita generosidade, porque nós todos, como cultura brasileira, nunca precisamos tanto de uma consciência nítida do significado de alteridade como precisamos agora. Sim, quase choro ao dizer isso. Acontece, então, não um hiato, não um parêntesis, mas uma forma que o pai assume. O pai assume uma faceta, uma fachada, um jeito. E o jeito que o pai assume para seguir adiante contribuindo para coordenar o desenvolvimento da consciência é o grupo de iguais. Ele é “o pai” desta vez. Ele é a autoridade em voga. É uma autoridade que muitas vezes chega a ser mais despótica e autoritária do que qualquer pai pessoal daria conta de ser. O que indica isso é a obediência temerosa, leal, não transgressional com a qual geralmente os adolescentes aderem ao grupo de iguais como nova autoridade. Existe algo de alteridade na adolescência. Existe. Mas essa palavra na adolescência especificamente tem o significado que ela tem no linguajar psicanalítico. Ela não assume o significado que ela tem no linguajar do Dr. Byington. É a alteridade significando apenas o outro, aquele que, além de mim, também está no mundo. Mas é um outro igual, os meus iguais, dos quais, aliás, é proibido ser diferente. Então é uma alteridade uniformizadora, mas não é inútil, porque ela pode ser profundamente estruturante na organização desse senso de mundo compartilhado. É por o mundo ser compartilhado que ele precisa ser regrado, precisa ter regras mediadas ou sistematizadas como leis. Ele precisa ter cultura, hábitos, costumes, ética. Ainda que a gente acredite que talvez exista algo merecedor de restrições na forma que tudo isso assume no grupo de iguais, não é de se desprezar aquele laboratório, de maneira alguma. É uma passagem importantíssima para o jovem vivenciar e, por ocasião da conclusão da adolescência e da formulação de suas escolhas, ele se retirará desse senso de coletivo para adentrar outro. Mas é também verdade o que o próprio Dr. Byington fala sobre ensaios de alteridade, no senso atribuído a ele pela palavra. De fato, existem ensaios de alteridade significando “o outro em sua diferença”. Em especial, no encontro entre os gêneros. Algo que é despertado, cutucado pelos eventos corpóreos faz os jovens caminharem em direção aos objetos de desejo, que são percebidos como outros. Então, existe um ensaio de alteridade nos termos em o Dr. Byington o coloca, sim.

O grupo agora é que é o representante, o segundo representante do grande mundo, ao passo que o primeiro foi o pai. Então o grande mundo com o qual o adolescente –

o "a crescer", "para crescer" – se prepara para adentrar inicialmente é representado pelo pai, embaixador do grande mundo e, agora, esse mesmo grande mundo é representado pelo grupo de iguais. Como, no entanto, o grupo de iguais se organiza em torno de crenças, valores e conceitos muito específicos, culturalmente circunscritos, isso pode contemplar suficientemente a vivência da pertença, mas pode não contemplar os anseios da ordem da individuação. Então algo está sendo capacitado, sim, mas algo precisará ser superado. Quem disse que é favorável à individuação todas as pessoas vivas na face da terra gostarem de Buda, ou de Marisa Monte, sei lá, dos Titãs? Não sei. Isso pode ser legítimo para alguns, mas não pode ser uma proposição para todos. Mas centelhas de individuação – centelhas é uma palavra que o Dr. Byington empregou hoje, também – se insinuam através do gosto, da adesão do jovem a certos movimentos, como os movimentos religiosos, musicais, artísticos, políticos. De qualquer forma, esta última frase (do slide) é importante, sim. Ensaios de pertença e experimentação de modos de governança diferentes do padrão familiar se apresentam ali, e isso é altamente capacitador, o que demonstra também a importância imensa de que as famílias saibam, ou possam ser orientadas no sentido de aprenderem a tolerar, não se anteciparem aos fatos, não inventarem de fazer uma prevenção ou uma profilaxia que talvez não seja de maneira alguma necessária, até porque, em nome de uma profilaxia, pode-se destruir um alicerçamento.

Já falei sobre o "É proibido ser diferente". Na verdade, o que está por trás dessa proibição é o seguinte: "Olhe, nós todos, os iguais, seremos diferentes, o que realmente significa "diferentes do que nossas famílias nos apresentaram como modelos", porém iguais nessa diferença, pois a ela não fugiremos". É uma tentativa de constituição de um novo chão. Nova "barriga?", novo acervo de palavras. E a adesão, a obediência a essa lei vem disso. É um temor de castração, de exclusão, de rejeição, de desqualificação por parte do grupo. Esse temor é tão grande, que acaba determinando, sim, a adesão à ideologia imposta, para com a qual o jovem, cada jovem, todo jovem, em bom momento, no momento de passagem da adolescência para a condição adulta, vai desenvolver e exercer uma crítica, um filtro. Não, ele não terá mergulhado num calabouço.

Ritos de passagem:

Existe uma sede psíquica por sedimentar passagens e o seu significado. Não é a cultura que determina a existência da sede psíquica. A sede é da psique. O que a cultura faz é ser sensível ou insensível a essa sede, propiciando ou não propiciando ritos para que essa passagem possa ser feita. A pobreza de ritos em nossa cultura de fato nos deixa, a todos, não apenas adolescentes, muito desassistidos. Quase que hoje temos o jogo de futebol, festinha de aniversário... festinha de aniversário e jogo de futebol. Bom, o que ocupa o lugar que deveria ser destinado ao rito, já que a psique experimenta uma sede de sistematização? O que ocupa o lugar daquilo que não está a serviço da população? Aí talvez seja um pecadinho meu, talvez seja um pecado mortal, não tem problema vocês mandam eu rezar o pai nosso, a ave maria... Eu rezo, não tem problema, mas cometerei o pecado. Eu acho que o que ocupa o lugar dos ritos é o "*acting out*", o festival de atuações que tão frequentemente incide nas vidas das pessoas, uma vez que morrer de sede a psique não vai. Então, se não é propiciado a ela um continente adequado para essa sistematização, para essa *coagulatio*, ela atua.

Eu levantei essas dificuldades adicionais que são importantes, sim (referindo-se ao slide projetado). Como terá sido a adolescência dos pais? Grande parte daquilo que eles se tornam como pais de adolescentes tem a ver com os adolescentes que eles foram e até que ponto esses adolescentes foram acolhidos, capacitados, bem vindos e, enfim, conduzidos adequadamente no seu desenvolvimento. Uma dificuldade adicional, à qual eu dou maior importância, é esta: filhos são exemplares. Filhos seguem exemplos. Então, a conduta parental é da maior importância, porque ela será seguida, ela será reproduzida. O filho não segue a orientação verbal dos pais, significando ideacional. O filho duplica o que ele vê o pai ou a mãe ou ambos exercer. Vou deixar de mencionar os outros itens, não porque eles não sejam importantes, mas porque eu não quero me desviar da adolescência para falar de alguma coisa que abrange filhos em geral.

Chegou aquele pedaço chamado "adolescência da clínica", que deixou a Liliana curiosa e eu, também. Existe um ditado, um provérbio chinês que afirma o seguinte: "Só o igual reconhece o igual". O clínico que desejar exercer o seu ofício junto ao adolescente, a serviço da adolescência, em serviços de orientações a pais de adolescentes etc., deverá acessar nele mesmo um igual, a sua adolescência, já que

só um igual reconhece o outro. É muito importante que isso aconteça para que, contratransferencialmente, não se incida no perigo de atuação contratransferencial, pelo temor de renovar a vivência tão sofrida da adolescência em si mesmo. O psicoterapeuta intentar pode querer exercer uma pedagogia, submetendo o adolescente a um verdadeiro leito de Procrusto, obrigando-o a corresponder a padrões por medo de ele, terapeuta, não ser capaz de ser continente ou orientador ao adolescente em seu desenvolvimento. A psicoterapia não é e não pode ser uma pedagogia. E “o igual” que o terapeuta acessa em si para dar conta de alcançar a dinâmica adolescente de seu cliente não é idêntico ao cliente. Não é para o terapeuta se identificar com o cliente, isso também seria uma atuação contratransferencial drástica e dramática. O interjogo transferencial requer empatia, ressonância, acolhimento, a capacidade de alcançar o que é estar na pele do outro, continência, não contenção. Continência. E é importante o psicoterapeuta ser tolerante a quaisquer manifestações de angústia, uma vez que angústia talvez seja uma palavra, não a única, mas umas das palavras chaves da vivência adolescente, ou o simples fato de testemunhar ou vivenciar a angústia, a ideia que ele tem de angústia. Eu acho absolutamente bacana um livro sobre o assunto escrito pelo Medard Boss. Esse livro se chama "Angústia, culpa e libertação". O autor tem a felicidade de abordar esses temas tão fundamentais de um jeito fenomenológico, de tal forma que nenhuma abordagem em psicoterapia vai se negar a se render às evidências que o autor trás. Ele fala sobre o quanto a vivencia da culpa é inerente à condição humana, o mesmo valendo para a vivência da angústia. É inerente. Não dá para ser gente sem angústia. E ele fala também que, uma vez que é inerente, ela não precisa ser curada, porque não é doença. Ela precisa ser superada. Em um dos capítulos ele define o que ele entende por angústia. Não vou me antecipar à leitura que vocês certamente vão fazer. E façam-na, mesmo. Vocês vão encontrar esse livro nos sebos. Ele não é publicado mais. Depois de definir culpa, o autor propõe como ela pode ser superada. Após definir angústia, ele propõe como ela pode ser superada, não curada, já que ela não é doença. Eu recomendo fortemente essa leitura, principalmente para quem tiver o desejo de adentrar o universo angustiado dos adolescentes na qualidade de psicoterapeuta. Portanto, eu não consigo vislumbrar outra forma de se exercer a clínica da adolescência sem que se alcance humildemente, bondosamente, corajosamente, a adolescência da clínica, a adolescência do clínico, a adolescência da própria condição clínica. Quem disse que

a psicoterapia é crescida? Se ela não puder aceitar que a vida é movimento, que está em movimento e que nada se fixa no mundo, ou se fixa apenas temporariamente, mas dá ensejo, dá motivo a evoluções, se ela não puder aceitar isso, ela, a clínica, não vai se capacitar a trabalhar com adolescência, pois não estará aceitando a sua própria adolescência. E eu estou chamando de adolescência esse "em crescimento", "a crescer", "para crescer", "rumo ao depois", "porvir". Nós clínicos não "somos". Vamos ver se a gente se acostuma com essa ideia. Nós estamos em processo de seguir nos constituindo e nos desconstruindo de novo, de novo e de novo. Eu falei sobre isso num congresso estrangeiro e eis que um colega se volta para mim e diz assim: "Alberto, que absurdo! Você está propondo a reinvenção da roda". Isto! Estou! Muito obrigado pela imagem tão apropriada que você acaba de me dar de presente. Estou. Até porque a roda é uma mandala e quem disse que ela não precisa ser inventada de novo e de novo e de novo? Precisa, sim. Então nós temos que ter a coragem de reinventar a roda a partir do referencial adolescente, se quisermos exercer a clínica da adolescência.

Para finalizar, a função do psicoterapeuta. Vocês vão perceber que a minha fala estará circunscrita às ações deste terapeuta (aponta para si mesmo). Chucro, limitado, experiente até certo ponto, mas tem uma cara própria, um jeito próprio. Eu só posso falar a respeito do meu jeito, eu não sei falar dos jeitos dos outros. Falando do meu jeito, então, o que eu tenho a dizer é que eu entendo que a minha função como psicoterapeuta é a função de um Quíron. Todo herói tem um padrinho, um mentor. A etapa adolescente da constituição do herói é uma etapa muito importante, apesar do "tudo é muito", apesar de Ícaro. Quíron foi o mentor de alguns heróis, ele foi o mentor de Jasão, por exemplo. Ele não é um mentor, um padrinho qualquer, ele é muito bem capacitado. Ele é filho de Cronos com uma amante, que inclusive rejeitou o filho, porque ele nasceu com a configuração de um centauro, metade cavalo e metade homem, e ela não suportou essa condição. Pediu para ser transformada numa árvore, e o foi. Quíron foi entregue a Ártemis e a Apolo para ser criado. Apolo, um deus solar, um deus solar patriarcal. Ártemis, uma deusa lunar, talvez patriarcal, mas profundamente feminina, apesar de ter pedido ao pai a prerrogativa de não se casar. Esse sol e essa lua constituíram aquele ser de dupla natureza, a um só tempo cavalo e humano, ou seja, alguém que é um *pontifex*, um construtor de pontes, aquele que faz a ponte entre essas duas dimensões que ele

mesmo personifica: em parte, instintual, dimensão oriunda dos instintos (o cavalo está lá para sugerir essa condição; e, em parte, altamente espiritualizado. Um terapeuta que possa aceitar a tarefa de exercer funções de Quíron me parece muito bem equipado para trabalhar como psicoterapeuta no atendimento a um adolescente.

O terapeuta que eu sou exerce também a função de tradutor. O psicoterapeuta ouve a voz da alma do cliente, em resposta à pergunta que Hillman nos ensinou a formular e que é de fato maravilhosa: "o que quer a alma quando a pessoa diz tal coisa, faz tal coisa, ou quer tal coisa, quando ela exerce tal coisa, quando ela mentaliza alguma coisa?" O que quer a alma da pessoa quando esse desejo, provavelmente genuíno, assume o formato de uma atuação? Se nós não soubermos formular a pergunta e não tivermos a paciência de aguardar que essa resposta emergja, não estaremos capacitados para atender – aliás, não só adolescentes, como pessoas de qualquer faixa etária, talvez em especial os adolescentes. Eu atendi um rapaz certa vez, que arrancou os interfonos de todos os elevadores dos quatro blocos dos edifícios do condomínio onde ele morava. E ele chega com essa história para me contar. Eu pensei: "Hillman, pelo amor de Deus, 'baixe aqui', porque essa história é difícil, não é?" Convoquei Hillman, que estava vivo na ocasião. Não dava para ele "baixar". Dava só para ele me inspirar. Então, precisei ter muita calma para conduzir a situação. E eu me perguntava: "meu Deus do céu, o que quer a alma dessa criatura quando essa criatura quer arrebentar todos os interfonos, de todos os pá, pá, pá, pá pá. Tive uma conversa com ele que foi muito esclarecedora. E, e ao término da conversa, eu perguntava a ele: "Sei. E como é que você se sentiu logo antes de fazer, enquanto fazia, depois de ter feito o que fez? Você sabe me dizer o que é que você queria com isso?" Optei por perguntar a ele também, embora eu não tivesse a expectativa de que ele me trouxesse uma resposta completa. Mas eu tive uma prosa com ele. Ao término dessa prosa, eu virei para ele e disse assim: "Saqueei! saqueei! Eu acho que você queria saber o quanto você era capaz de fazer certas coisas muito desafiadoras, que só poderiam ser feitas por alguém muito potente. Acho que era isso que você queria. Você queria saber se você iria passar nessa prova". E ele se volta para mim e diz assim: "E eu passei na prova?". Eu disse a ele: "No quesito conteúdo, sim, no quesito forma, não. Meu, como você é potente! Barbaridade! Você consegue uma coisa de muito grande porte. Eu estou

impressionado. Vai ter coragem, força e estratégias para planejar as coisas! Estou para ver alguém com tantas habilidades quanto as que você demonstrou que tem". "É, mas qual é a parte que eu não passei na prova? Ué! Eu não sou competente?". Eu disse a ele: -"Petente sim, competente não. Faltou justamente o "com". Você se esqueceu de que você não está sozinho no mundo, não teve o menor respeito pelo resto da humanidade. Será que dá para você, então, dá próxima vez ser COMpetente, porque dessa vez você só foi petente, potente. Não basta meu caro. Então, agora você tem a parte dois do desafio. Você já provou que você é petente, agora vamos ver se você consegue ser competente também". Tive uma longa conversa com ele sobre ética. Ele chorou, me abraçou e agradeceu. E é hoje um grande profissional no campo da medicina, cujo nome muitos de nós conhecemos.

Para você Dona Leda, para você Denise, uma pequena edificação que eu fiz com os tijolos que vocês me entregaram e com o cimento que vocês ativaram em mim. Muito obrigado.

Pois não, temos tempo para perguntas?

Perguntas da plateia:

1) Primeiramente eu queria agradecer e parabenizar o senhor por mostrar a sua paixão. O senhor contou e mostrou para a gente essa paixão. Agora, eu queria perguntar sobre o que está acontecendo, que a gente vê muito a adolescência fora de época, aquela que estão chamando de "adultecência". O senhor teria alguma coisa para falar? Obrigada.

Alberto: De fato, na PUC de São Paulo tem gente séria, estudiosa, e de muita qualidade escrevendo trabalhos a respeito do assunto, não é? Quem não conhece os trabalhos excelentes que são produzidos a respeito desse assunto, os alunos do núcleo junguiano? Uma dessas estudiosas está aqui presente. Para minha honra, eu fui membro da banca de mestrado. É um fenômeno de muito difícil compreensão e que pode ser visto de fato por muitos ângulos. Ele requer estudos como o que eu conheci de perto e outros, que precisam ser feitos para que a gente tenha mais rigor na compreensão do fenômeno. Mas você tem toda razão de apenas constatá-lo. A adolescência está esticada até os trinta e poucos, não? Trinta e muitos. É verdade

que somos adolescentes em várias épocas de nossas vidas. Em todos aqueles momentos ou trechos da vida em que a gente saca que há um crescimento por vir, a gente pode adolecer. E deve, com todo o direito, com todo o respeito pelo nosso próprio ritmo. Mas de fato há uma disfuncionalidade a ser examinada, sim. Como eu estou me dedicando ao estudo de outras coisas com muito rigor, não estou me preocupando com isso. Mas com muita alegria lhe digo que há quem esteja.

2) Eu gostaria de entender melhor a questão do rito de passagem. Pela falta dele, que o senhor ofereceu bastante literatura, teria então a atuação, o “acting out”, talvez igual a esse rapaz dos elevadores. Seria possível para pais ou instituições educacionais tentar propor alguma saída, alguma solução? Sei que seria contra o hábito cultural, mas de alguma forma seria possível tentar suprir essa falta? Eu já ouvi falar de psicólogos tentando fazer esse esforço de alguma forma, organizando encontros de adolescentes, mas que poderia de alguma forma suprir essa demanda dos ritos de passagem, que hoje, na verdade, parece faltar em toda a estrutura da sociedade, da infância até a terceira idade.

Alberto: Sim, é legítimo que se promovam ritos de passagem. A ideia geral do rito de passagem é que a comunidade um pouco mais velha seja anfitriã para a comunidade um pouco mais nova na feitura dessa passagem através de um rito. Dizem os mitólogos que o grande valor de um rito está em que, durante um rito, somos contemporâneos dos deuses. E o propósito do rito é a sistematização da consciência, a evidenciação do significado da passagem. Na ausência disso haverá um “rito”, já que a psique não morre de sede. Ela causa a atuação. Então, seria prudente, sensato, legítimo, bem vindo, que a comunidade humana se ocupasse com isso. Escolas, instituições, famílias, em especial, os próprios grupos de adolescentes. Quando você formulou essa questão, ocorreu-me uma imagem, uma lembrança muito simpática. Lembrei-me do Dr. Sílvio Bock, com quem casualmente me encontrei outro dia na porta do Tuca, aliás. Quando eu ainda era estudante de psicologia, ele já conduzia grupos terapêuticos com adolescentes. Ele contava coisas ótimas, que revelavam o valor ritual que as sessões terapêuticas tinham. Olhem só: uma sessão terapêutica como rito. Não necessariamente um rito de passagem, mas um rito, um rito de sistematização, um rito de pertença, um rito. E o principal, dizia ele, era a surpresa que os adolescentes experimentavam quando

eles descobriam, por exemplo, que todos tinham um buraquinho aqui (referindo-se ao caso do adolescente na praia, mencionado na palestra). Todos tinham preocupação com o tamanho do pênis; todos tinham preocupação com sei lá o que mais. As tais das coisas vistas e temidas como anômalas, como estava escrito aqui nos slides, de fato são temidas como "apenas minhas". Quando eles descobrem que não estão sozinhos naquele barco, isso contempla a operação alquímica chamada *sublimatio*, que é a possibilidade de a gente olhar com um *zoom* para alguma coisa, e não apenas a partir da perspectiva idiossincrática de um único ser. E vivências de *sublimacio*, que é um fenômeno diferente de sublimação, são fundamentais para a gente acolher e tolerar bem aquilo que nos parece anômalo e que é de difícil assimilação. Então, sendo coisas legítimas, que maravilha seria que comunidades, famílias, professores, mentores, professores de ginástica, enfim, promovessem isso.

3) Parabéns pela sua fala. Eu trabalho com adolescentes e, no ambiente onde eu trabalhava, a gente tinha uma liberdade de gênero e de sexualidade muito grande. Então, tinha um processo de identificação muito fácil. E é nesse período da adolescência que eles começam a ter os questionamentos da sexualidade e das questões de gênero. Você falou sobre o rito de passagem. Criar ambientes de diálogo, ou criar ambientes aonde eles possam expressar essa sexualidade. Favoreceria, impediria? Acho um tema bem polêmico nas redes sociais hoje.

Alberto: Em princípio, favoreceria muito que houvesse uma possibilidade de compartilhar, ouvir, angariar referências que de fato faltam nessa hora, mas uma vez que o tema que você mencionou tem a delicadeza que tem, eu acho que há um pré-requisito que não pode ser subestimado: é o preparo de quem vai cuidar de fazer isso.

4) Então, Alberto, você falou sobre os adolescentes. No nosso trabalho, você sabe disso, há uma terceira parte envolvida, que são os pais. Nem sempre as mudanças pelas quais o adolescente passa, que do nosso ponto de vista são bastante interessantes, são bem aceitas pelos pais. Queria que você falasse um pouquinho a esse respeito, orientação de pais.

Alberto: Muito obrigado por ter trazido de volta até mim a palavra da qual eu mesmo havia sentido falta nos slides a caminho daqui hoje, só que eu já não estava com o

meu computador para inserí-la. Obrigado, Helena. A Helena é isso na minha vida. Ela preenche lacunas ou me lembra das lacunas que ainda posso preencher.

Como psicoterapeuta, eu acredito que o trabalho com adolescentes tem de ser sistêmico, o que significa que a família precisa ser incluída, sob pena de o trabalho, talvez até de muita qualidade, conduzido junto ao jovem, ser desperdiçado, se não tiver respaldo dentro da mesma orientação dentro de casa.

Alberto: (Fechamento) Então, novamente, obrigado!